

Mais vida para viver

Ela era a única pessoa que sempre estivera a meu lado – e agora estava morrendo

Por HELEN GRACE LESCHEID

MINHA MÃE, com o avental azul do hospital amarrado na frente, estava sentada, incomodamente, na estreita maca de exame do consultório. O cirurgião examinou um nódulo duro em sua mama direita e depois se voltou para mim: “Tenho fortes suspeitas de câncer”, disse. “Vou interná-la assim que puder.”

Como enfermeira, eu previra isso, mas me agarrara à tênue esperança de que, por não termos histórico familiar de câncer, o tumor não fosse maligno. Íamos ficar sem mamãe? Senti um arrepio. Nos últimos dois anos, eu tinha perdido o casamento, a família, a casa e o emprego. Será que estava prestes a perder também a única pessoa que me apoiara ao longo disso tudo?

Mas, ao ouvir as palavras do médico, percebi que tinha de me concentrar em mamãe. Como ela reagiria à notícia? Em seus 86 anos de vida, só ficara internada num hospital uma

noite, em observação. Na Ucrânia, dera à luz os quatro filhos em uma casa de parto, com uma parteira.

Na volta para casa, expliquei, cuidadosamente, que o cirurgião primeiro faria uma biópsia e, então, se descobrisse que o tumor era maligno, operaria.

– Não quero ser operada – disse mamãe, com decisão.

– Então, vai morrer – respondi.

Ela me fitou com seus brilhantes olhos azuis.

– Não tenho medo de morrer – afirmou. – Tive uma vida boa.

E eu fiquei pensando como ela podia dizer isso. Nascida alguns anos antes da Revolução Russa, suas memórias de infância eram soldados vagueando em sua aldeia e bandidos saqueando sua casa. Um dia, um tio, morto pelo sabre de um bandido, foi atirado de um depósito de palha na rua lá embaixo.

Durante o terrível período de dois anos de fome sob o governo de Stalin, seu corpo adolescente ficara tão enfraquecido que, ao se deitar, ela não conseguia, sozinha, levantar as pernas inchadas para acomodá-las na cama. Mesmo assim, todas as manhãs, após tomar uma “sopa” aguada, arrastava-se até a plantação da fazenda comunitária, para trabalhar. Um dia, finalmente, amanheceu fraco demais e não conseguiu se-

quer sair da cama. À noite, moças cercaram seu leito e entoaram hinos sacros. *Vou morrer*, pensou.

Por milagre, sobreviveu. Casou-se com meu pai e mudou-se para outra aldeia. Logo, os expurgos de Stalin roubaram-lhe os dois irmãos – enviados para os campos de trabalho na Sibéria – e mataram outros dois tios.

Veio então a 2ª Guerra Mundial. Minha mãe perdeu meu pai, o lar e o país. Durante dois anos, fugiu com

os quatro filhos pequenos pela Europa, a frente de batalha logo atrás dela. Muitas vezes, teve de suportar o choro de fome e de frio das crianças.

Por fim, fomos para o Canadá, onde ela trabalhou em fazendas da Colúmbia Britânica até os 65 anos.

– Mãe, como conseguiu? – eu perguntava às vezes.

– Consegui o quê?

– Sobreviver a tantas atribulações.

– Muitos tinham menos sorte do que eu.

Isso era típico de mamãe! Aceitava sem reclamar o que Deus mandasse. Nunca questionava: *Por que eu?* No seu entender, tinha tido uma vida maravilhosa.

– Está cansada de viver? – perguntei.

Suas faces coraram um pouco.

– A vizinha me deu umas mudas – contou. – Disse que são flores lindas. Quero plantá-las e vê-las florir.

*Mamãe aceitava
sem reclamar o que
Deus mandasse. Para
ela, tinha tido uma
vida maravilhosa.*

– Então, é melhor se operar – re-
truquei baixinho.

Mamãe concordou. Dias depois, o
cirurgião realizou uma mastectomia
radical. Entrei apressada no hospi-
tal, imaginando como confortá-la.
Chegando ao setor onde ela estava,
não a encontrei no quarto.

– Onde está minha mãe? – per-
guntei a uma enfermeira.

– Deve estar andando por aí – riu
a mulher.

Comecei a procurar pelos corre-
dores uma mulherzinha vestida
com um robe vermelho.

Quando a achei, assegurou-me de
que se sentia muito bem. No entan-
to, em seus olhos percebi um pro-
fundo cansaço, e a convenci a voltar
para a cama.

No quarto, olhou-me fixamente.

– Não me sinto mais uma pessoa
completa – disse, baixinho.

Estremeci com seu constrangi-
mento.

– Entendo – afirmiei, tentando
controlar a emoção na voz. – Mas,
para mim, você está tão linda quan-
to sempre foi.

À MEDIDA QUE O estado de saúde de
mamãe foi melhorando, ela reto-

mou a jardinagem. Plantou as mu-
das de gerânios, petúnias e de mui-
tas outras flores, exultando com ca-
da uma que enfeitava seu jardim.
Levava buquês para a igreja ou para
os amigos, na casa de idosos do ou-
tro lado da rua. Logo, voltou a ser
ocupada como sempre, fazendo
companhia às pessoas, ajudando na
igreja e costurando para os netos. Eu
adorava o tempo que passávamos
juntas, nossas conversas íntimas.

Quase um ano mais tarde, depois
de um minucioso exame, o oncolo-
gista disse: “Não vejo motivo para
preocupação. Só precisa retornar se
seu médico suspeitar de algo.”

Na volta para casa, mamãe estava
visivelmente aliviada. Mas, tendo
aceitado mais uma provação sem
sentir pena de si mesma ou amargu-
ra, já deixara de dar importância
àquilo.

Durante o resto do trajeto, falou
com alegria sobre seus planos para o
futuro. Havia mais flores a plantar,
refeições a fazer, roupas a costurar.

Quanto a mim, recebi uma graça
inestimável. Com minha mãe para
me dar coragem e inspiração, agora
eu sei que sobreviverei aos tempos
difíceis.

TECNOLOGIA COMPULSÓRIA



Ao conversar com meu tio surdo, notei que seu “apa-
relho auditivo” na verdade era o fone de um transis-
tor. O fio havia sido cortado e saía pela camisa.

– Como isso o ajuda a ouvir melhor? – perguntei.

– Não ajuda em nada, mas obriga as pessoas a falarem mais alto.

–RICHARD W. THOMAS, *EUA*